
Educação sexual escolar: percepção dos alunos e professores

João Francisco de Carvalho Choé¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as percepções que os alunos e professores têm sobre o tema educação sexual, pontuando os desafios e a importância do tema para o ambiente escolar. E recorreu-se à abordagem qualitativa. Os dados foram recolhidos através da técnica de entrevista estruturada aplicada a oito alunos da 11ª classe e a oito da 12ª classe; quatro professores e um director. A pesquisa foi desenvolvida numa das escolas da Província de Manica, localizadas na cidade de Chimoio-Moçambique. Os resultados revelam que existe um número significativo de alunos que ainda é leigo em matérias que versam sobre a educação sexual. Ademais, outros resultados indicam que os professores têm receio em abordar assuntos que se referem a sexualidade, diversidade sexual e a género devido a preconceito.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Preconceito.

School sex education: perception of students and teachers

Abstract

The purpose of this article is to analyze the perceptions that students and teachers have on the topic of sex education, highlighting the challenges and importance of the topic for the school environment. And a qualitative approach was used. Data were collected through the structured interview technique applied to eight students from the 11th grade and eight from the 12th grade; four teachers and a director. The research was carried out in one of the schools in the Province of Manica, located in the city of Chimoio-Mozambique. The results reveal that there is a significant number of students who are still lay people in matters that deal with sex education. In addition, other results indicate that teachers are afraid to address issues related to sexuality, sexual diversity and gender due to prejudice.

Keywords: Sex Education; Sexuality; Preconception.

Introdução

Atualmente sexualidade é um dos acontecimentos mais importantes na fase da adolescência, é parte integrante do desenvolvimento da personalidade, é algo que se constrói e aprende por isso a família e a escola não podem ignorar a questão. Um trabalho de orientação sexual na escola é fundamental para uma boa preparação do educando para uma reflexão sexual, assegurando o conhecimento das informações que não foram obtidas em casa, erradicando preconceitos e possibilitando espaços para a discussão de emoções e valores.

A escola é um importante espaço de vinculação de diversas informações sobre a

¹ Universidade Púnguè, Chimoio - Moçambique, jcarvalhochoe@gmail.com.

sexualidade, assumindo, deste modo, um papel cada vez mais importante na formação de um indivíduo. Diante disso, se tem a necessidade de incorporar sexualidade como tema transversais no âmbito educacional. Entretanto, de acordo com Carneiro et al. (2015), o papel para incluir discussões sobre a educação sexual não está relacionado apenas ao âmbito educacional, cabe também ao sector da saúde, onde os profissionais da área devem orientar pais e filhos. Em linhas gerais, é de suma importância conhecer o processo formativo dos nossos alunos e da inserção da educação sexual como tarefa do âmbito educacional, para que seja trabalhada de forma adequada, conduzindo não apenas uma reflexão sobre a prática sexual, mas possibilitando os jovens expressarem suas vontades e desejos sem nenhum receio e discriminação, dando liberdade de escolha sobre a sua sexualidade e como vivê-la.

A diversidade sexual e o surgimento de casos de homofobia e intolerância sexual é uma realidade bastante frequente, e que se difunde na população. Com isso surge à necessidade de desenvolver práticas educativas que versem sobre o trabalho com a educação sexual.

Sabendo-se, que os jovens vivenciam uma fase de transformações que se caracterizam pelas mudanças corporais, psicológicas, fisiológicas e sociais, nessa fase, em alguns casos as pessoas assumem um comportamento, onde geralmente são incompreendidos devido a uma sociedade conservadora que amedronta e reprime tais comportamentos. Assim, os jovens sofrem drásticas interferências em suas vidas.

Segundo Souza e Andrade (2019), como iniciativa para promover mudanças no cenário escolar com relação ao estudo do tema sexualidade, os docentes podem ministrar em sala de aula discussões, debates, adoptar práticas didáticas que permitam o desenvolvimento da educação sexual na escola. Na maioria dos casos os pais se mantêm inativos por motivos que envolvem uma postura individual recuada ao diálogo com a temática correspondendo ao reflexo de uma sociedade conservadora, fundamentalista e patriarcal que não permite um diálogo aberto sobre determinados assuntos com os seus filhos. Outra dificuldade se faz no distanciamento pedagógico fruto de uma ausência da participação desses com a comunidade escolar. A escola deveria servir como ponte para uma maior interacção e troca de informações e conhecimentos entre ambos.

Através desse tema, os docentes podem abranger inúmeras áreas (mudanças físicas no

corpo, diversidade sexual, homofobia, intolerância, entre outros) pontuando e esclarecendo dúvidas que venham a surgir, contribuindo para um decréscimo de problemas sociais gerados por tabus e preconceitos. As dificuldades dos docentes com abordagem do tema são diversas e vinculadas à base da formação profissional para o magistério.

Os debates e discussões em grupo servem para os alunos se questionarem, perguntarem, trocarem experiências e isso irá auxiliar de forma positiva para o sucesso de uma prática crítico-reflexiva, desenvolvendo um trabalho para formação de cidadãos na construção de uma convivência onde o direito e as escolhas do outro são respeitados. Mediante o exposto, propomos a reflexões sobre a educação sexual na escola, considerando a importância do acesso a informações e saberes sobre a temática no âmbito educacional, na possibilidade de dialogar sobre o tema “sexualidade” como algo inerente à vida e à saúde (física e psíquica), com o compromisso de desconstruir os estereótipos presentes na sociedade conservadora, viabilizando as escolas em intervirem para a mudança dessa realidade.

Nesse sentido, para o desenvolvimento da pesquisa realizada foi possível elucidar as questões de pesquisa : Qual é a percepção dos professores sobre a abordagem didática de educação sexual? Qual são os desafios enfrentados pela escola na abordagem da educação sexual em sala de aulas? Qual é a frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola? Assim, também se apontou os objetivos, para o alcance dos resultados da pesquisa. Deste modo, elencamos os desafios a seguir orientados como objetivos da pesquisa: a) analisar a percepção dos professores sobre a abordagem didática de educação sexual b) perceber do diretor sobre os desafios enfrentados pela escola na abordagem da educação sexual em sala; c) compreender dos alunos sobre a frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola.

Educação sexual no contexto escolar

A educação sexual no ambiente escolar deve ser um processo calculado e articulado, que pretenda propiciar aos adolescentes um desenvolvimento que inclua conhecimento, questionamento e reflexão. A sexualidade sendo um dos acontecimentos mais importantes na

fase da adolescência é parte integrante do desenvolvimento da personalidade, é algo que se constrói e aprende por isso a família e a escola não podem ignorar a questão. Um trabalho de educação sexual na escola é fundamental para uma boa preparação do aluno para uma reflexão sexual, assegurando o conhecimento das informações que não foram obtidas em casa, erradicando preconceitos e possibilitando espaços para a discussão de emoções e valores.

A educação sexual tem como desafio auxiliar os adolescentes a expressarem suas inquietações e desenvolver posicionamentos saudáveis em relação à sexualidade (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA ; 2013). Como destaca Bezerra, Pinheiro e Barroso (2008), a educação sexual apresenta o direito que toda pessoa tem em adquirir informações sobre seu corpo, relacionamento sexual, bem como ao direito de expor suas dúvidas, aprender a reflectir e debater para formar suas opiniões e valores relacionados ao sexo, como também demonstrar seus sentimentos e tabus ligados à sexualidade.

Essa temática deve compreender um controle cognitivo, afetivo e comportamental dos adolescentes são um processo contínuo que repassa informações, ajuda no desenvolvimento das responsabilidades e atitudes ligadas com a sexualidade do ser humano, promovendo bons comportamentos (MATOS; RAMIRO, 2009).

Atualmente os adolescentes já têm acesso as informações relacionadas com as estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e prevenção de gravidez, mas o diálogo sobre sexualidade entre professores e alunos ainda é muito limitado, pois esse tema ainda é estudado apenas como algo biológico ou natural, limitando-se somente as finalidades reprodutivas.

O professor ao trabalhar sexualidade deve também levar em consideração as experiências, histórias e culturas dos adolescentes, não se limitando apenas a uma forma de viver e expressar seus pensamentos, mas mostrando aos jovens que a sexualidade deve ser vivida no sentido amplo de suas existências, ou seja, harmónios, órgãos, corpos, prazeres, anseios, desejos, Comportamentos, contexto sociocultural, são elementos essenciais para constituir a sexualidade (SILVA, 2010).

A orientação sexual no espaço escolar

Ao realizar trabalhos com a sexualidade a escola precisa ter uma posição clara do que pretende. O assunto é complexo e envolve não só o professor e o aluno, mas também sua família. Um bom embasamento teórico é fundamental, para se colocar a sexualidade num contexto amplo, ligado à vida e à afetividade, para não se tornar frágil e ineficaz (SANTOS; IZUMINO; 2005). Segundo Souza e Andrade (2019), a orientação sexual na escola é um grande desafio por ser um processo altamente dinâmico e o projeto deverá atender pais, professores e alunos e acarreta maior investimento e requer muito tempo, tornando, assim, um grande obstáculo à sua abordagem.

Devido o tempo longo em que os jovens ficam na escola as chances de convívio social e relacionamento entre os alunos na escola não pode se eliminar com as consequências das questões de relacionamentos, desta maneira é um ambiente extraordinário para abordar prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (BORGES, 2007). O trabalho de orientação sexual ajuda a realizar medidas de precauções que irão contribuir na prevenção de situações agravantes como o abuso sexual e a gravidez indesejada além de outras complicações que a falta de informação pode gerar. Assim, ampliar e gerar a consciência sobre os cuidados para prevenção se faz necessário (QUIRINO; ROCHA, 2012). Segundo Quirino e Rocha (2012), é possível declarar que a inserção do tema da orientação sexual nas escolas irá auxiliar no bem-estar desses jovens e na experiência de sua sexualidade atual e futura.

De acordo com os estudos de Altmann (2001), a sexualidade dos adolescentes não é reconhecida pela escola, deixando os alunos sem informações sobre o tema, o que pode estar diretamente relacionado a diminuição no uso de preservativo e métodos contraceptivos pelos jovens. Este fato pode ser verificado nos estudos de Holanda et al (2010); Nothaft et al (2014), nos quais foi possível constatar que a sexualidade ainda é trabalhada de maneira limitada, em que a promoção à saúde é o enfoque principal, deixando de lado as necessidades pessoais e inquietações dos alunos.

Fazer uma abordagem sobre sexualidade vai além de divulgar verdades absolutas, abordar esse tema provoca nos adolescentes uma necessidade de abrir um diálogo entre professores e alunos possibilitando uma troca de ideias e percepções, além de facilitar a

construção, valorização e aceitação da diversidade (MARIN, 2019).

Conforme um estudo realizado por Pocahy e Dornelles (2019), os professores revelam que a mídia é o fator que influencia o preconceito com relação aos temas sexualidade e gênero, no entanto, a escola que deveria ser um espaço em que a diversidade deveria ser aceita, continua mantendo esse preconceito. Isso acontece devido a falta de formação ou preparo dos professores e uma união entre ambiente escolar com a família para que temas como esses sejam tratados como algo natural e do cotidiano.

Segundo Costa e Silva (2017), a sexualidade está inserida no campo de debate das escolas, contudo, quando esse tema entra na escola, não promove diálogos que possam apresentar uma diversidade de formas diferentes de se expressar e de habitar no mundo, mas acaba vinculando-se a disciplinas que tem como objectivo expressar apenas as explicações anatómicas e fisiológicas do corpo. Nesse sentido, se faz necessário que a escola reconheça que a abordagem do tema não deva se restringir apenas aos aspetos anatómicos e biológicos do corpo humano (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Em suma, para melhor abordagem da temática relacionada com a sexualidade e, conseqüentemente, aprendizagem da mesma, é fundamental que os professores se dispam do preconceito.

Identidade de gênero

Para uma melhor compreensão acerca do termo identidade de gênero, foi necessário entender-se inicialmente o que se pensa sobre identidade. Desta forma, quando se refere da identidade, pretende-se destacar que esta é de maneira geral um conjunto de aspetos individuais que caracteriza o indivíduo, estando diretamente ligada a forma como o ser humano se percebe, tanto individual quanto socialmente, podendo esta ser modificada ao longo da vida de acordo com as transformações pessoais do ser humano.

No que tange a identidade de gênero, o psicólogo John Money (1921-2006) diz que esta vai além do sexo como marca genital englobando o ser masculino e feminino. Para ele, a criança aprenderia a ser menino ou menina como aprendia a falar. A natureza faria apenas a criação e a

sociedade estabeleceria as normas, ou seja, ele inverte o sinal sexual, e estampa no corpo de meninos a noção de que “não se nasce homem” (TORRES, 2010).

Neste contexto, a “formação da identidade pessoal serve como base para a formação de uma identidade sexual” (ANJOS, 2000, p.305) que é “motivada por uma orientação erótica espontânea” (BRITZMAN, 1998, p.171) que se evidenciam na forma de agir, pensar, padrões de comportamento criados e regulados pela sociedade e suas instituições. Em síntese, a identidade sexual fundamenta-se na percepção individual sobre o próprio sexo, evidenciado no papel de gênero assumido nas relações sexuais.

Observa-se, então que, a identidade de gênero compreende os papéis sexuais, bem como tende a defini-los de acordo com o modelo social. Para Lorencini Jr. (1997, p.129), é “através do aprendizado de papéis que cada um (a) deveria conhecer o que é considerado adequado (inadequado) para um homem ou para uma mulher”, o que não levaria em conta as diferentes formas de masculinidade e de feminilidade e as “complexas redes de poder” que constituem hierarquias entre os gêneros. Assim, o conceito de gênero não pode ser resumido aos papéis que são socialmente atribuídos a mulheres e homens.

Portanto, deve-se compreender o gênero como constituinte das identidades dos sujeitos, podendo, então, assumir várias identidades, como de raça, nacionalidade, etnia, idade, etc. Essas identidades não são fixas ou inatas. Elas são construídas e reconstruídas nas relações sociais e de poder que é exercido por diversas instituições presentes na sociedade, moldando essas identidades.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como qualitativo exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa centra-se no quadro de interpretações, compreensão de sentidos que os indivíduos desenvolvem em torno dos factos e fenómenos em indagação. Cumpre afirmar ainda que este tipo de pesquisa, “trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2015 *apud* AGIBO, 2016, p.117) em torno do objecto de estudo. A eleição deste tipo de pesquisa justifica-se tendo em conta a complexidade

da realidade social e pelo objetivo de compreender o fenómeno em contexto natural, não havendo interesse em se quantificar (AGIBO, 2016) as respostas apresentadas pelos alunos, professores e director. O processo de recolha de dados foi feito através da técnica de entrevista estruturada aplicada a oito alunos da 11ª classe e a oito da 12ª classe; quatro professores e a um director. O guião de entrevista aplicado aos alunos continha 12 questões abertas; o aplicado aos professores continha quatro questões abertas e já o aplicado a director da escola continha nove questões. A pesquisa foi desenvolvida numa das escolas da Província de Manica, localizadas na cidade de Chimoio-Moçambique.

Partiu-se igualmente da configuração de uma entrevista, tendo esta como uma importante ferramenta de relato de memória, vivência e saberes. O método de entrevista foi escolhido por melhor se adequar e permitir a reprodução dos conhecimentos e opiniões dos alunos. Escolheu-se trabalhar com as 11ª e 12ª classes, porque são classes compostas por alunos na faixa etária dos 14 a 18 anos (adolescentes) e por justamente estarem passando pelo processo de diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais.

A coleta de dados foi vivenciada em dois encontros. A princípio houve uma conversa informal com o professor responsável, onde discutimos como iria proceder a pesquisa. Assim, os encontros com os alunos ocorreram no momento de elaboração dos seminários da disciplina de psicopedagogia, onde foi possível aplicar o guião de entrevista com os grupos que iriam abordar os devidos assuntos. Em um segundo momento, ocorreu um encontro com os respectivos grupos na sala de informática da escola. Foi solicitado que os respondessem a algumas questões referentes à temática.

A análise das entrevistas realizadas baseou-se a análise temática de conteúdo sugerida por (YIN, 2005) análise de conteúdo busca conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. Portanto, percorridas etapas da pesquisa, foi possível categorizar as informações descrever, a saber: a) a) Conceito de educação sexual; b) Importância da temática para o grupo de alunos no espaço escolar; c) Percepção dos alunos sobre algum tipo de planeamento na escola voltada ao trabalho com essa temática d) Frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola; e) Percepção dos alunos sobre a maior dúvida dos alunos sobre os assuntos sexo, género e diversidade. O desenvolvimento da pesquisa seguiu os

seguintes passos:

- a) Escolha de tema, formulação de problema, questões de pesquisa e a definição de objetivo;
- b) A efetuação da revisão da literatura com vista a obter subsídios teóricos sobre o objeto em estudo;
- c) Elaboração de metodologia de investigação, na qual foram descritos o tipo de abordagem, a técnica de recolha de dados;
- d) Formulação de pedido informal à direção da escola que visava permitir através da aplicação do guião de entrevista, recolher de dados na escola para o desenvolvimento da pesquisa.

E para preservar a identidade dos entrevistados, optou-se por ocultar a identidade dos entrevistados. Para o efeito, foi-lhes atribuído o código “A”, “D”, “P”, mas acrescido a um número (A1...A16; P1...P4). O código “A” significa aluno; o “D”, o director e o código “P” significa professor.

Resultados e discussão

Como referido anteriormente os dados foram obtidos a partir de um guião de entrevista que foi realizada com os professores e alunos das 11^a e 12^a classe da Escola Secundaria Eduardo Mondlane - Chimoio.

Entrevista dirigida aos alunos

A entrevista feita aos alunos tinha em vista recolher dados sobre: a) conceito de educação sexual; b) importância da temática para o grupo de alunos no espaço escolar; c) percepção dos alunos sobre algum tipo de planeamento na escola voltada ao trabalho com essa temática d) frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola; e) percepção dos alunos sobre a maior dúvida dos alunos sobre os assuntos sexo, género e diversidade.

Conceito de educação sexual

Com esta subcategoria pretendia-se obter dos alunos, dados relacionados com o conceito de educação sexual. Diante da análise, percebeu-se que os alunos possuem certo conhecimento acerca do assunto: *“Educação sexual é orientar e conscientizar as pessoas dos diferentes tipos de opções sexuais para que não haja preconceito” (A - 10)”; “Educação sexual é uma prática que a gente está aprendendo sobre sexo” (A -8).*

A concepção dos alunos sobre educação sexual permeia o conhecimento para o entendimento sobre orientação sexual das pessoas, como opção, escolha, e sexo, como prática sexual, que, segundo Ribeiro (2009), eles podem exercer, mais tarde, sua sexualidade com prazer e responsabilidade. E esse trabalho vincula-se ao exercício da cidadania que, de um lado, propõe-se a trabalhar o respeito de si vinculado ao respeito do outro, e, por outro lado, busca garantir a todos o conhecimento que será fundamental para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

É perceptível na resposta do Aluno 10 a correspondência do tema a ideia de desconstrução de preconceitos.

Importância da temática para o grupo de alunos no espaço escolar

Sabendo-se da relevância da educação sexual na escola, indagamos sobre a importância do trabalho com essa temática para o grupo de alunos no espaço escolar:

Sexualidade não é muitas vezes o que a maioria das pessoas ‘pensam’, por isso é importante esse trabalho, que serve para ‘intender’ mais e ‘ajuda’ a formar nossos pensamentos sobre esse assunto (A - 5).

É importante, pois faz com que o preconceito e a homofobia diminuam para uma sociedade mais igualitária (A - 1).

A percepção dos alunos é bem definida no que associa a educação sexual ao pensamento crítico, reflexivo sobre o conhecimento, perpassando pela construção de valores para equidade social e o enfrentamento de conotações distorcidas. Assim a educação sexual

será importante para que, nossas crianças e adolescentes, no futuro, tenham mais responsabilidades em relação à vida sexual, menos preconceito nas relações sociais, mais informadas sobre o corpo e a sexualidade e com escolhas mais acertadas e atitudes preventivas (RIBEIRO, 1990, p.05).

Percepção dos alunos sobre algum tipo de planejamento na escola voltada ao trabalho com essa temática

Nos planos temáticos dos professores já incorporam o tema transversal à orientação sexual. Com base nisso, foi questionado aos alunos se havia algum tipo de planejamento na escola voltada ao trabalho com essa temática: *“Sim, pois, são feitos trabalhos na sala de aula, às vezes tem palestras e todo ano algumas pessoas da saúde vão fazer palestras sobre sexo”* (A - 2); *“Não, pois não acontecem muitas palestras na escola sobre o assunto”* (A - 16).

Fica visível que a participação de alguns alunos nos eventos educacionais se torna mais presente do que outros. Os alunos também associam o planejamento escolar às ações concretas das escolas, com vistas às aulas e palestras de outrem, não evidenciando a participação efetiva deles na construção do plano.

A escola significa um local importante para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamentos. Ela representa um contexto propício e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, actuando nas diferentes áreas do saber humano. E, neste sentido, mais do que nunca, há de se investir nas questões da sexualidade (OLIVEIRA, 1997, p.72).

Frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola

Outro questionamento se relaciona com a frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola: *“Infelizmente não é tão debatido como deveria, porém, os professores tentam trazer constantemente seminários”* (A - 4); *“Não, me acredito que seja por receio da escola ser reprimida de alguma forma”* (A - 8).

As instituições escolares preferem não trabalhar com a educação sexual por medo da repressão dos pais e da sociedade. Além, da ausência de capacitação com abordagem teórica sobre o assunto para os profissionais da escola. Sabe-se que, nem todos possuem uma formação e não tem o conhecimento sobre a necessidade e importância de se trabalhar esses assuntos em sala de aula. Nada melhor que um espaço repleto de profissionais capacitados para saber lidar com esses temas na construção de um pensamento crítico reflexivo.

Quando nos referimos ao planeamento por parte dos docentes com relação ao trabalho com educação sexual e qual assunto já teria sido abordado, as respostas dos alunos foram: *“Sim, é ‘trabalho’ com o meu professor de filosofia, tema de orientação sexual, género e sexo”* (A - 9); *“Sim, esses assuntos são trabalhados em seminários”* (A - 13).

Conforme já é sabido pelos professores, a educação sexual deve ser inserida como um tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, perpassando cada uma delas (FIGUEIRÓ, 2009, p.144).

No que foi pontuado pelos alunos, é visível que a práxis educativa sobre o tema fica centralizada na figura de apenas um professor da instituição, o que ministra a aula de psicopedagogia. Há o aparecimento de assuntos que condicionam o conhecimento a partir tópicos: orientação sexual, género e sexo. Solicitou-se que os alunos comentassem a respeito da igualdade de género na educação inclusiva escolar e se seria importante. Todos os alunos se manifestaram de forma positiva, admitindo a necessidade dos princípios e valores que permeiam o respeito, pluralismo e equidade: *“Sim, para que todos os géneros fossem respeitados por igual”* (A - 11); *“Sim, pois, as pessoas que nascem com um sexo, e agem como sendo de outro género, seriam mais aceitos pela sociedade, sofrendo menos preconceitos”* (A - 3).

Poucas são as investigações que abordam o impacto da discriminação de género nas políticas públicas educacionais, tais como a persistência da discriminação contra as mulheres expressa em materiais didáticos e currículos, a limitação ao acesso à educação e permanência na escola, sobretudo das jovens grávidas, bem como o fracasso escolar que marca de maneira distinta a trajetória escolar de meninos e meninas (VIANNA, 2004, p.78).

Aliás, nem todas as escolas optam por desenvolver projectos, trabalhos, palestras, que

envolvem a educação sexual. Então, foram questionados aos alunos, por qual motivo eles acreditavam não haver tantos trabalhos na escola direccionados a essa temática.

*Porque ainda é um tema muito pouco discutido nas famílias, por isso, torna-se diferenciado e com a questão do preconceito (A - 7).
O receio com que a sociedade em si 'vão' pensar sobre isso, e o receio de não haver aceitação (A - 14).*

Os alunos consideram que a dificuldade encontrada para o desenvolvimento do tema em ambiente escolar, não é apenas uma questão de materiais, planejamento e capacitação dos profissionais. Esse tema envolve todo o conjunto de indivíduos, desde o aluno até sua família, entendendo-se que a sexualidade deve primeiramente ser discutida no espaço privado em meio às relações familiares. Essa visão é concordante o discurso dos planos de disciplinas onde abordam temas transversais, entendendo que no seio da família, “de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam” (PIMENTA, 2014, p.21). Logo, esse plano onde aborda temas transversais sugere que o trabalho realizado na escola deve ser complementar a função da família.

Conforme a resposta do aluno 14, o distanciamento da escola com a discussão sobre sexualidade traz a sobrecarga dos tabus e preconceitos, compondo a visão tradicional de que conduzir uma instituição escolar falar sobre essa temática, é “algo feio”, pejorativo. Portanto, os profissionais da educação em conjunto com os outros sectores podem orientar sobre os temas, mantendo um olhar amplo sobre o conhecimento.

Ao trabalhar questões sobre sexualidade, o profissional deve levar em conta as particularidades de cada família e agir de forma a apoiá-la, protege-la e fortalece-la. “A família e a enfermeira devem compartilhar conhecimentos e acções com o objectivo de orientar os adolescentes para exercerem sua sexualidade com responsabilidade, dignidade e prazer” (ALMEIDA; CENTA, 2009, p.72).

A educação sexual busca trazer informações e esclarecer dúvidas sobre inúmeros assuntos. E para sabermos qual o conhecimento acerca de determinados assuntos, foi proposto

a seguinte pergunta: De acordo com o seu conhecimento, defina educação sexual, sexo, gênero e diversidade.

Educação sexual seria o conhecimento, a educação sobre o assunto, sexo, seria aquele que todos adquirimos biologicamente, a qual existe quatro tipos. Gênero vem de feminino e masculino. Diversidade são as mais variadas maneiras (A - 15).

Educação sexual, orientação sexual, palestras. Sexo, feminino e feminino. Gênero, com qual sexo a pessoa se identifica, diversidade varias pessoas de jeitos diferentes (A - 6).

Com base nas respostas obtidas, pode-se observar que ainda existe dificuldade de definir os assuntos sobre diversidade, sexo, gênero e orientação. Por isso, alguns alunos expressaram que não sabiam responder o que foi perguntado. Entretanto, de modo simplista os alunos correspondem a conceitos que envolvem o sexo como sendo algo biológico, a diversidade como pluralismo de pessoas e suas opções, gênero como feminino e masculino, além da liberdade de identificação com o gênero.

É perceptível que essa dificuldade conceitual perpassa o modo de como vem sendo tratado o tema na escola. As intervenções educacionais ocorrem de modo mínimo, com atendimento apenas a disciplina de psicopedagogia.

Minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes no tocante aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Embora estes ressaltem a necessidade de se tratar a sexualidade como tema transversal, nada é mencionado, mais especificadamente, em relação à homossexualidade. Nos objetivos da proposta menciona-se apenas o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano; ou, ainda, “reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a elas associadas” (LANZ, 2015, p.480).

Nessa perspectiva, indagou-se aos alunos sobre o porquê de discutir o assunto relacionado com gênero no âmbito escolar. Logo, a dimensão das respostas pontua sobre a preocupação com a subjetividade e o respeito. A sexualidade tem como componente essencial à subjectividade do ser, que se constrói e se modifica a partir de seus valores, tal como pode-se

ler nos depoimentos abaixo:

Para se ter conhecimento e principalmente descobrir o seu próprio gênero, se age como o seu sexo ou do outro (A - 2).

Porque a maioria das pessoas ‘pensam’ que ‘pensam’ que seu gênero depende do seu órgão genital o qual você nasceu, mas o nosso gênero é a gente que escolhe (A - 7).

As temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência (SANTOS; IZUMINO, 2011).

Sim concordo, pois as pessoas na maioria das vezes não aceitam a escolha do gênero de cada um. Fazendo com que algumas pessoas sofram com o preconceito (A - 13).

Super concordo, pois muitas pessoas não são informadas sobre o assunto e acaba generalizando o preconceito em cima delas (A - 14).

A linha de pensamento dos alunos se mostra ampla e reflexiva, pois se preocupam com a subjetividade e bem-estar dos indivíduos e alertam sobre a imposição de preconceitos as pessoas vítimas dessa ação.

A inclusão de discussões sobre gênero no âmbito educacional é positiva a qualidade da educação, excluindo fatores que geram desigualdade e preconceito, sendo uma forma direta de combate à exclusão escolar, trabalhando, deste modo, para uma educação uniforme. Para tal, é importante saber quais as curiosidades dos alunos sobre a temática em discussão, porque eles as tem, tal como responderam quando foi-lhes colocada uma pergunta sobre que gostariam que fossem mais discutidos sobre educação sexual. Os alunos foram bem expressivos nas respostas dessa pergunta: “A questão de como a homofobia vem crescendo e exemplificar melhor o que é cada LGBT” (A - 5); “Sobre as doenças sexualmente transmissíveis” (A - 10).

Com as respostas dadas pelos alunos, pode-se notar que é de suma importância abordar as questões sobre a sexualidade, tendo em conta que o afastamento escolar da população que

engloba esse grupo é muito grande, mesmo com os seus direitos sobre os princípios do ensino, englobando igualdade, acesso/permanência, liberdade, pluralismo de ideias e tolerância, entre outros. Os alunos possuem curiosidades naquilo que está em sua volta, não são poucos os casos de homofobias anunciados todos os dias. O modo como o fato se dá e o aumento significativo dos casos repercute no dia-a-dia, dentro dos bairros, das casas e das escolas. As vítimas das violências aparecem a todo tempo, estampadas nos órgãos de informação.

Com relação a abertura para mais discussões sobre as doenças sexualmente transmissíveis, o percurso deve ser fazer com atividades planejadas e contínuas, proporcionando o diálogo com outras áreas, a exemplo da saúde. Ainda existem tabus para falar-se sobre as DSTs. Por muitas vezes, as medidas de proteção na relação sexual são vistas como tabus, originando a ideia de possibilitar experiências sexuais precoces. A estratégia básica para o controle da transmissão das DSTs e do HIV é a prevenção pelos meios que permitam atividades educativas que focalizem os riscos inerentes a uma relação sexual desprotegida, a mudança no comportamento e a adoção do preservativo (BEZERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008).

Percepção dos alunos sobre a maior dúvida dos alunos sobre sexo, gênero e diversidade

Mesmo sendo feito o trabalho com a educação sexual na escola, ainda existe algumas temáticas que são mais difíceis de entender. Então, foi perguntado qual seria a maior dúvida dos alunos sobre os assuntos sexo, gênero e diversidade: *“Se a homossexualidade é uma coisa que você já nasce assim”* (A - 16).

É bem comum procurar-se escutar dúvidas iguais à expressada pelo Aluno 16, por uma presença forte do senso comum no saber. Portanto, deve-se deixar claro que todo ser humano tem na sua origem características ligadas ao masculino ou feminino. O homem com pênis e a mulher com vagina. Mas, a sexualidade humana pode manifestar-se de diferentes formas, pois se relaciona à dimensão do desejo, este por sua vez é comandado por instâncias psíquicas e

igualmente afetado por fenômenos sociais e políticos (MARQUES; PAVONI; CAVICHIO, 2014).

Diante da análise, percebe-se que os alunos, em sua maioria têm uma concepção ampla sobre a educação sexual devido ao acesso à informação refletida na práxis escolares ligadas, principalmente, a ação do professor da disciplina de psicopedagogia, que compõem em seu planejamento curricular anual o diálogo sobre a sexualidade. Enfatiza-se que o questionário se fez anterior às atividades temáticas e seminários propostos pelo professor da disciplina de psicopedagogia para cada turma, havendo apenas um dialogam introdutório sobre os temas. Compreende-se que o papel social da escola é relevante a identidade formativa dos indivíduos, sendo esses agentes transformadores e transformados.

Entrevista dirigida aos professores

Percepção dos professores sobre a abordagem didática de educação sexual

Nesta secção, pretendeu-se perceber dos professores em relação aos aspetos didaticos da educação sexual na escola e na sala de aulas.

Quadro 1. - Percepção dos entrevistados se a temática educação sexual já foi ou está sendo trabalhado na escola

Ordem	Questão	Resposta
1-	O tema de educação sexual esta sendo trabalhado na escola?	<p>P-1. "Já foi trabalhada".</p> <p>P-2 "Já foi trabalhada, a temática foi inserida no currículo sendo trabalhada através de palestras."</p> <p>P-3. "Já foi trabalhada dentro da disciplina de Ciências".</p> <p>P-4 "Já foi trabalhada nas aulas de Biologia, psicopedagogia² e filosofia".</p>

Fonte: os autores, pesquisa de campo

² Porque nas aulas de psicopedagogia traz temas transversais que são abordagens voltadas para a compreensão e construção de uma sociedade, relacionando a vida pessoal e coletiva a fim de afirmar o princípio da participação política.

De acordo com as falas dos professores, foi possível perceber que a temática sobre a educação sexual foi trabalhada na escola, pese embora em forma palestra e dentro das disciplinas de ciências e Biologia, Filosofia e Psicopedagogia. Nesse sentido, Moizés e Bueno (2010), argumentam que o trabalho com a educação sexual desenvolvido com crianças e adolescentes deve ocorrer de uma forma interdisciplinar, sendo contínuo e permanente, no qual todo o corpo docente esteja envolvido para que assim, as informações e as atitudes individuais e coletivas que essa temática acarreta possam ser discutidas de maneira apropriada.

De acordo com a entrevista, foi possível perceber que a escola não tem projetos voltados à educação sexual, embora a temática tenha sido prevista para ser trabalhada a partir de palestras, oficinas e debates, porém até o primeiro semestre de 2019 essa proposta não tinha sido colocada em prática. Sobre este fato, Gonçalves; Faleiro e Malafaia (2013) ressaltam que a educação sexual só é assumida formalmente nas escolas quando estas resolvem desenvolver projetos para trabalhar a temática de maneira interdisciplinar e contínua, convidam profissionais para proferir palestras ou desenvolverem programas na área da educação sexual.

Ainda referente às limitações encontradas na escola sobre abordagem do assunto, o quadro 2 expõe as opiniões dos professores, os quais mostraram que têm conhecimento e entendem que é necessário trabalhar a sexualidade em todos os níveis de ensino, apesar da dificuldade da escola em inserir o tema no currículo com o intuito de aceitar todas as barreiras que surgem durante sua abordagem.

Este resultado, também foi encontrado na pesquisa feita por Costa e Silva (2017). Esta pesquisa refere que professores tem consciência que a escola deve ser uma instituição totalmente envolvida no processo de desenvolvimento do aluno, mas o grande desafio é trabalhar a sexualidade de maneira a assumir os embates e tabus que esse assunto provoca.

Percepção dos professores sobre os níveis de ensino que se deve abordar a sexualidade

Quadro 2 - Pensamento dos professores sobre a sexualidade e os níveis de ensino que se deve trabalhar o tema

Ordem	Questão	Resposta
-------	---------	----------

2-

Como professores dessa escola que pensamento tem sobre a sexualidade e os níveis de ensino que se deve trabalhar o tema?

P-1. *“A sexualidade é uma quebra de tabu que está conseguindo seu espaço, deve ser trabalhada desde o ensino fundamental”.*

P-2 *“A sexualidade faz parte do ciclo de vida, sendo como algo natural. Deve ser trabalhada desde as séries iniciais”.*

P-3 *“A sexualidade deve ser trabalhada com orientações, deve ser trabalhada desde o ensino fundamental até o ensino médio, sendo adaptada para cada nível de ensino”.*

P- 4 *“A sexualidade continua sendo um tabu por causa das desconstruções ideológicas deve ser trabalhado desde a educação infantil”.*

Fonte: os autores, pesquisa de campo

Em relação à contribuição da escola na prevenção de problemas graves, como abuso sexual e a gravidez indesejada, os professores responderam que através de debates, palestras e campanhas de prevenção, tentam de alguma forma discutir sobre essas questões mais emergenciais. O professor 3, ainda citou um caso de abuso sexual, que uma aluna da escola sofreu, no qual, a escola deu todo apoio necessário, entrando em contacto com os órgãos responsáveis em lidar com esse tipo de problema e disponibilizando acompanhamento psicológico para a aluna.

Embora todo cenário desafiante enfrentado pela escola, destacando o preconceito existente a cerca da educação sexual, e quando envolve aspectos mais graves como violência sexual, uma pequena parcela de crianças e adolescentes ainda consegue dialogar, devido ao vínculo criado entre aluno e professor, o que facilita um pedido de ajuda quando necessário (SOUZA; ANDRADE, 2019).

Nesse sentido, de acordo com os direitos universal da criança e adolescente é um dever de todos, tanto das famílias quanto das escolas assegurarem pela dignidade da criança e do adolescente, deixando-os a salvo de qualquer tratamento desumano e violento. Estudos vêm mostrando que, a escola tem um papel fundamental em orientar professores, para que os mesmos possam desenvolver acções preventivas em relação a situações de violência sexual,

como é o caso do estudo realizado por Figueiredo et al. (2013), o qual relata um treinamento feito pela secretaria de saúde de São Paulo para 180 directores e vice-directores de 86 escolas de Diadema, cujo objectivo era passar as informações necessárias para que as escolas pudessem trabalhar o tema violência sexual, medidas de prevenções e protecção da saúde física e psicológica com seus alunos.

Percepções dos professores a perinencia de receberem capacitações para lidar com a temática de educação sexual

Pretendia-se junto dos professores, perceber se ja tinham recebido uma capacitação para lidar com a temática de educação sexual.

Quadro 3 - Necessidade de capacitaçoes em matérias de educação sexual

Ordem	Questão	Resposta
3-	Como professores dessa escola acha necessário receberem capacitações para lidar com a temática de educação sexual?	<p>P-1. Com certeza, pois alguns profissionais mais familiarizados com o assunto, não se sentem confortáveis em abordar o assunto.</p> <p>P-2 Não, pois não vejo como uma necessidade da escola capacitar professores para esse tipo de assunto.</p> <p>P-3 Não é necessário capacitar à família.</p> <p>P- 4 Recebemos capacitação, mas acredito que deveríamos ter mais formação.</p>

Fonte: o autor (es), pesquisa de campo

Para Suplicy (2006) ao questionar os professores sobre como abordar a temática e a segurança para abordá-la, a maioria dos professores se sentem inseguros. Com isso, se faz necessário que os professores recebam capacitações para estarem preparados quando forem abordados sobre a sexualidade. Queiroz e Almeida (2017) destacam que alguns professores ainda possuem dificuldades com o tema, pois a falta de preparo e insegurança ao lidar com o

tema leva os educadores a não abordarem os assuntos devido aos tabus e superstições ainda existentes, com isso se faz necessária a capacitação desses educadores.

Percepção dos professores sobre a responsabilidade da orientação sexual

Quadro 4 - Percepção dos professores sobre a responsabilidade da orientação sexual

Ordem	Questão	Resposta
4 -	Como professores dessa escola a quem a sumir a responsabilidade da orientação sexual?	<p>P-1. Para mim quem deve abordar esses assuntos é a família, pois tudo sobre cai na escola.</p> <p>P-2. <i>“Sob meu ponto de vista não tem um indicador próprio todos nos devemos assumir essa responsabilidades”</i></p> <p>P-3. <i>“Acho que todos têm essa responsabilidade de assumir a orientação sexual dos alunos”</i></p> <p>P- 4. <i>“A escola os pais a sociedade a igreja tem essa responsabilidade “</i></p>

Fonte: os autores, pesquisa de campo

Aliado o pensamento dos professores Queiroz e Almeida (2017) também mostram em seu estudo que os professores indicam que a família não deve ser totalmente responsável pela educação sexual dos adolescentes, no entanto é o suporte principal para a educação, e a sociedade como um todo deve ajudar ao abordar o assunto, a escola tem uma responsabilidade diferente da família, porém cabe a ela esclarecer as dúvidas ligadas à sexualidade, abordando os pontos de vista, valores e crenças.

Entrevista dirigida ao director da escola

Como também foi proposto nesta pesquisa, solicitou-se que o director da escola para que respondesse um questionário estruturado contendo 9 (nove) questões discursivas, e tem

26 anos de idade.

Percepção do director sobre a importância do debate nas diversas áreas que envolvem a sexualidade

A primeira pergunta tratava sobre a importância do debate sobre as mais diversas áreas que envolvem a sexualidade:

De fundamental importância. O tema sexualidade sempre foi um tabu na nossa sociedade, enquanto profissional da área educacional, tenho tentado, de maneira didáctica, introduzir no quotidiano do nosso alunado o tema para abrir o questionamento, e assim prevenir e aconselhar (D).

É importante que os profissionais da educação estejam preparados, e assim, possam ter iniciativas, construir uma didáctica e as discussões sobre os temas que envolvem a educação sexual é o ponto inicial. Entretanto, se faz necessário ampliar a visão sobre sexualidade, garantindo que o diálogo não se limite as questões biológicas, com medida para conduzir o aluno à normatividade.

“A associação da sexualidade ao prazer e ao desejo é deslocada em favor da prevenção dos perigos e das doenças. Nesse contexto que centraliza a reprodução, os/as homossexuais ficam de fora da discussão” (LOURO, 1998, p.41).

Percepção do director sobre os desafios encontrados para o trabalho dessa temática em sala

Com o objetivo de recolher dados sobre os desafios enfrentados pelos professores na abordagem sobre educação sexual, perguntou ao director e ele respondeu nos seguintes moldes:

Na sala o tema desperta interesse, não vejo rejeição por parte dos discentes. Nosso maior desafio é quando o tema chega ao âmbito familiar. Na grande maioria das vezes os pais procuram a escola, mas no geral sempre é positivo,

depois que explico o objectivo da introdução do assunto (D).

Essa rejeição por parte das famílias acontece, pelo fato de acharem que o debate com essa temática poderá influenciar seus filhos a terem determinados comportamentos e condutas, vendo-a como um assunto pejorativo e ofensivo. A inserção em uma sociedade conservadora envolve valores que correspondem ao machismo, patriarcalismo, e fundamentalismo também associados a questões religiosas. Assim, na instância familiar, o diálogo sobre sexualidade é pobre ou ausente.

Percepção do director sobre metodologia utilizada na abordagem de sexualidade

Sabendo-se que o professor tenta apresentar em sala de aula atividade voltada à sexualidade, o diretor foi perguntado sobre qual a metodologia utilizada nessas abordagens: *“Palestra em parceiras com os alunos. O uso de Datashow com informativos, distribuição de material didático-pedagógico por intermédio de folders, etc”.* (D).

Em 2008, os Ministérios da Saúde e da Educação lançaram o Programa Saúde na Escola com o objetivo de reforçar a prevenção à saúde dos alunos e construir uma cultura de paz nas escolas (MARIN, 2019).

Contudo, tanto os professores quanto os profissionais da área de saúde permanecem com um debate tímido sobre sexualidade, possibilitando apenas intervenções para o autocuidado, preservação e higienização. Por vezes, se ausenta o trabalho psíquico, social e cultural que envolve o tema.

Percepção do director sobre os incentivos por parte da escola para se trabalhar sexualidade no âmbito escolar

Sobre os incentivos gerados por parte da escola, para se trabalhar esses assuntos no âmbito escolar, o diretor da escola respondeu que: *“A direcção sempre está aberta a conversar e assumir o compromisso. (E por intermédio de incentivos estaduais da própria escola,*

conseguimos fazer a distribuição do material confeccionado por programa de saúde escolar), o material é totalmente informativo” (D).

Quando se tem mais incentivo e parcerias entre os setores da saúde e educação, o desenvolvimento de trabalhos com a educação sexual se torna mais fácil, pois, terá disponível um grupo de profissionais qualificados, contendo um comportamento ético e que abranja o pluralismo de concepções que favoreçam o debate sobre as diversas posturas e valores existentes na sociedade. Nessa conjuntura, o trabalho planejado e em equipa facilita também a participação da família nas práticas educativas escolares, pois estes fazem parte da comunidade escolar.

Percepção do director sobre como escola deveria falar do sexo e os demais assuntos que envolvem a temática

Faz-se importante observar a opinião dos professores de como a escola deveria intervir nos debates sobre sexualidade e os demais assuntos que fazem parte da temática. Foi perguntado ao director como escola deveria falar sobre sexo e os demais assuntos que envolvem a temática e ele respondeu da seguinte forma: *“Sempre usamos os ciclos de debates e tem dado certo. A metodologia aplicada é bem legal” (D).*

As instituições escolares e seus docentes devem sempre procurar inovar e buscar alternativas para o desenvolvimento de actividades que se enquadre a cada grupo de alunos dentro da sala de aula. O ciclo de debates é uma prática pedagógica que valoriza a integração das concepções, saberes e a reflexão, possibilitando que os sujeitos participem, questionem e se posicionem.

Discutir educação sexual, às vezes é tido como algo feio, inadequado na sociedade em que vivemos. Com isso, fomos perguntar ao professor se existe algum tipo de negação por parte dos estudantes com relação ao trabalho com essa temática: *“Não, existe um receio no primeiro contacto, mas depois do estudo e dos debates, a aula e as conversas flui perfeitamente” (D).*

Como é um assunto pouco discutido no âmbito familiar e também na escola, os alunos em um primeiro contato tendem a ficar com certo receio muitas vezes com vergonha ou com

conceito de pecaminoso, mas quando adquirem um conhecimento inicial vão sentindo-se mais seguros para questionar, debater e entender os assuntos, se entrosando e participando das didáticas apresentada pelo docente.

Percepção do director sobre a relevância intervenção no âmbito educacional

É sempre importante saber quais as influências que são causadas por essas intervenções. Para o efeito, foi perguntado o director da escola sobre qual a relevância desse tipo de intervenção no âmbito educacional. Desta pergunta, emergiu a resposta que se pode ler a seguir:

De ajudar a minimizar os preconceitos. Vivemos uma época de mudança da nossa moral e ética, precisamos debater tais temáticas, pois nossa sociedade está mudando e não podemos fechar os olhos. Com a introdução da temática, os alunos ficam recobertos de argumentos e entendem que tudo faz parte de um processo, que embora seja lento, está sendo modificado aos poucos. Sempre lembro que a escola é um reflexo direto da sociedade (D).

O debate dentro de sala de aula é uma forma de unificar e colocar as pessoas como iguais, sem distinção de cor, raça, sexo ou género. Tendo em vista que são discutidos os mais diversificados temas, fazendo com que os alunos reflectam e se conscientizem da igualdade e importância de todos.

Para Pimenta (2002), cabe ao profissional da educação o processo de humanização da sociedade, sendo esta a função primordial da educação. Logo, o principal desafio é a inserção do homem no convívio social.

Percepção do director sobre mudanças nos temas transversais

O trabalho com educação sexual sempre proporciona muitas experiências, tanto para os docentes quanto para os discentes. Ao director questionou-se sobre o que muda no seu ponto de vista como gestor escolar, trabalhar com esses temas transversais: “A ideia de entender o

lugar social do aluno, pois quando os alunos se identificam com a temática, eles se interessam mais por outros temas da disciplina” (D).

É sempre importante ter conhecimento da realidade dos alunos, pois o sucesso das práticas pedagógicas depende da adaptação das actividades a realidade do quotidiano dos alunos. A metodologia adequada a ser utilizada leva ao êxito da intervenção, ao entendimento sobre o assunto e a participação mais efectiva de todos. Além disso, o professor deve entender o indivíduo como sujeito social e histórico.

Percepção do director sobre importância da escola em incentivar mais debates

Para o desenvolvimento de trabalhos educacionais pelos professores, em determinadas áreas, precisa-se de um consentimento da direcção. Com relação a isso, foi questionado sobre a importância da escola incentivar mais trabalhos como esse: *“Sim, a escola tem de ser um espaço aberto para debates do que a sociedade tenta calar ou esconder” (D).*

Sendo assim, a escola é um espaço propício ao debate, palestras e outros tipos de intervenções que venham a agregar valores, tirar dúvidas, excluir ou discriminar, e construir equidade para todos.

Diante das dificuldades e relevâncias de se trabalhar com educação sexual, compreende-se que existem desafios que se referem à abertura das instituições escolares para o diálogo, percorrendo uma postura aberta ao debate e a gerenciamento dos mais diversos temas como enfoque nos aspectos psicológicos, sociais, culturais e não apenas biológicos, referenciando diferentemente de uma abordagem normativa e disciplinar. As dificuldades também refletem a formação dos profissionais da educação, o distanciamento para o diálogo sobre educação sexual, perceptível na nossa pesquisa que apenas um docente atribuiu o tema a sua prática escolar. Os pontos de tensões e atritos entre a família e escola também dificultam a abordagem. As ausências e falhas de um referencial curricular nacional contribuem para uma não obrigatoriedade do tema nas escolas bem como uma orientação inadequada do conhecimento.

No que é possível construir a relevância de trabalhar sexualidade, dentro outros fatores,

vê-se uma ampliação nas concepções dos alunos, numa construção do saber que permeia os princípios da igualdade e respeito, desconstruindo visões hegemônicas sobre corpo, gênero e identidade sexual. Portanto, é preciso desfazer mitos e preconceitos e entender a escola como espaço pedagógico transformador, possibilitando a inclusão daqueles e daquilo que estão fora dos currículos.

Considerações finais

A execução dessa pesquisa reservou-nos momentos surpreendentes, com os que vivenciamos, observando, entrevistando, verificando os dados obtidos, selecionando o que fosse de mais importante para acrescentar e enriquecer esta pesquisa. A indagação da pesquisa no preliminar era de saber qual é a percepção dos professores sobre a abordagem didática de educação sexual? qual é os desafios enfrentados pela escola na abordagem da educação sexual em sala de aulas? Qual é a frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola? Com base nos resultados obtidos do estudo a partir dos relatos dos professores, alunos e diretor chegaram se as seguintes conclusões:

Quanto à percepção dos professores sobre a abordagem didática de educação sexual foi possível perceber que esta temática apenas só é abordada nas palestras e dentro das disciplinas de ciências como biologia, filosofia e psicopedagogia e foi possível perceber que a escola não tem projetos voltados à educação sexual, embora a temática tenha sido prevista para ser trabalhada a partir de palestras, oficinas e debates, porém até o primeiro semestre de 2019 essa proposta não tinha sido colocada em prática.

No que se refer aos desafios enfrentados pela escola na abordagem da educação sexual em sala de aulas percebeu se que a rejeição por parte das famílias acontece, pelo fato de acharem que o debate com essa temática poderá influenciar seus filhos a terem determinados comportamentos e condutas, vendo-a como um assunto pejorativo e ofensivo. A inserção em uma sociedade conservadora envolve valores que correspondem ao machismo, patriarcalismo, e fundamentalismo também associados a questões religiosas. Assim, na instância familiar, o diálogo sobre sexualidade é pobre ou ausente.

No que tange à frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola foi concluído se que as instituições escolares preferem não trabalhar com a educação sexual por medo da repressão dos pais e da sociedade. Além, da ausência de capacitação com abordagem teórica sobre o assunto para os profissionais da escola. Sabe-se que, nem todos possuem uma formação e não tem o conhecimento sobre a necessidade e importância de se trabalhar esses assuntos em sala de aula facto esse que mostra claramente que frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola e pouco pratica somente apenas em algumas disciplinas de ciências e que são abordados essa temática.

Referências

- AGIBO, M. L. L. C. *Intervenção e avaliação em orientação profissional: narrativas de adolescentes moçambicanos sobre a influência parental e a escolha da profissão*. 2016. 251f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2016.
- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, v.22; n.1, p.71-76, 2009.
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *RED: Revista Estudos Feministas*, v.9, p.575-585, 2001.
- ANJOS, G. D. Sociologias, identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n.4, p.30-274, jul/dez, 2000.
- BEZERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. C.; BARROSO, M. G. T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v.12, n.3, p.28-52, 2008.
- BORGES, A. L. V. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, v.14, n.3, 2007.
- BRITZMAN, D. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, L. H. (org.) *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998, p.154-171.
- CARNEIRO, R. F. et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *SANARE Revista de Políticas Públicas*, Sobral, v.14, n.01, p.104-108, jan./jun. 2015.

COSTA, L. A.; SILVA, N. *Sexualidade na adolescência*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2017.

FIGUEIREDO, R. *et al.* Adoção de orientações visando à prevenção da violência contra escolares: uma ação conjunta entre a saúde e a educação. *BIS: Boletim do Instituto de Saúde*, v.14, n.3, p.335-343, 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. *In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). Educação sexual: em busca de mudanças*. Londrina: UEL, 2009, p.187-208.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, v.5, p.251-263, 2013.

HOLANDA, M. L. *et al.* O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Revista Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v.15, n.4, p.702-708, 2010.

LANZ, L. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero: uma introdução aos estudos transgêneros*. Curitiba: Transgente, 2015.

LORENCINI JR. A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. *In: AQUINO, J. G. (org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997, p.87-95.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, p.7-34, 1998.

MARIN, Y. A. O. Percepções de professores de química em formação, sobre assuntos de gênero e sexualidade e as possibilidades de abordá-los no ensino de química. *Scientia Naturalis*, v.1, n.2, p.130-143, 2019.

MARQUES, F. M. O.; PAVONI, M. S.; CAVICHIO, S. A. As faces da bissexualidade na sociedade contemporânea. *Revista Científica do Unisalesiano*, 10, p.105-120, 2014.

MATOS, S. U. O.; RAMIRO, J. *Encarar o desafio da educação sexual na escola*. Curitiba: Secretaria de Educação. Superintendência de Educação, Departamento de Diversidade, Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, 2009.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.44, n.1, p.205-212, 2010.

NOTHAFT, S. C. S. *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. *Revista Mineira de Enfermagem*, v.18, n.2, p.284-294, 2014.

OLIVEIRA, M. A. Comunicação educativa do enfermeiro na promoção da saúde sexual do escolar. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, v.5, n.3, p.71-81, 1997.

PIMENTA, S. G. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. *Revista Temas em Educação*, v.20, p.16–30, 2014.

POCAHY, F. A. I.; DORNELLES, P. G. Problematizando gênero e sexualidade em interlocução com educadoras. *Revista Docência e Cibercultura*, v.3, n.1, p.127-150, 2019.

QUEIROZ, V. R.; ALMEIDA, J. M. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. *Rev. Fac Ciênc Méd.*, Sorocaba, v.19, n.4, p.209-214, 2017. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/31788/pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

QUIRINO, G.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, v.28, n.43, p.205-224, 2012.

RIBEIRO, G. *Educação sexual na escola: como ensinar no espaço da escola: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009.

RIBEIRO, M. *Educação sexual: além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

SANTOS, C.; IZUMINO, W. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Revista Estudos Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v.16, n.1, p.147-164, 2005.

SILVA, S. G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.30, n.3, p.556-571, 2010.

SOUZA, A. D. F.; ANDRADE, L. O. Espaço escolar: o professor frente à situação de violência. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da FAEF*, v.6, n.3, p.9864-9882, 2019.

SUPLICY, M. *Sexo se aprende na escola*. 4. ed. São Paulo: Olho D'Água. 2008.

TORRES, W. M. S. *um novo paradigma para a formação da identidade de gênero*. São Paulo: Vozes, 2010.

VIANNA, C. P. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. *Cadernos de Pesquisa*, v.34, n.121, p.77-104, 2004.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.



Recebido em outubro 2021.

Aprovado em abril 2022.